

PLANO DE CURSO			
NOME DA DISCIPLINA	FILOSOFIA POLÍTICA II		
CÓDIGO			
DOCENTE	CLAUDIO MEDEIROS		
PERÍODO	2025.1	HORÁRIO	QUA / 14H-18H

APRESENTAÇÃO

E se a questão sobre “quem nos tornamos” puder não ser uma imagem extraída do vínculo entre *violência e raça*? E se ela puder não ser extraída da política de domesticação da memória que os arquivos da escravidão proporcionaram à historiografia? No pós-abolição, o nascimento de uma nova pedagogia do olhar policial (MEDEIROS, 2022), que vinculava pessoas libertas à antiga condição de cativo, foi nada mais que a tentativa de reter os espasmos de um corpo recém despertado de sonhos intranquilos. “Quando o corpo se libera”, diz Glissant, “acompanha o grito, que, por sua vez, é explosão.” A reestrela sempre é “frenética, ignora o tempo livre, a gentileza, o sentimento. O corpo segue e ignora a pausa, o lânguido, o contínuo.” (GLISSANT, 2022, p. 152) Lá onde se quis a anatomização do corpo para o desencanto, nasciam artes de dissimular identidades, tecnologias do improvisado animadas pela coragem de romper com uma existência socialmente codificada. “A primeira coisa que o indígena aprende é ficar no seu lugar, não ultrapassar os limites. Por isso é que os sonhos do indígena são sonhos musculares, sonhos de ação, sonhos agressivos.” (FANON, 1968, p. 39) Os brinquedos, o jogo da malandragem, a africanização de um catolicismo “politeísta” por meio da festa (BISPO, 2023), os autos populares acompanhados de orquestras de tambores, ampliaram o desfazimento dos agenciamentos de um corpo disciplinado para a enxada e mortificado pelo abandono. E se, em troca do banzo, da educação pela pedra, colocarmos um brinquedo na rua e partirmos deste fio, da manufatura de uma existência menos grave? Que relação pôde ter havido entre ânsia por liberdade e o aprimoramento cênico de rostos que se recusaram a colar em apenas uma máscara? De que jeito desempenhar este movimento sem deixar que o corpo desande em gesticulações caricatas, estereótipos fixos, padrões socialmente

compartilhados?

Dentre os brinquedos com máscaras que propiciam experiências furtivas com improviso e mobilidade, encontra-se a teatralização do movimento no corpo do angoleiro. O ritual cênico do jogo da malandragem é, onde quer que ele surja, uma investigação sobre o mascaramento como exercício de um trabalho sobre si para usos menos sérios do corpo. O uso brincante do corpo desfez a ideia de que a ginga tem seu foco nos pés, para permitir enxergá-la como uma variação infinita de máscaras. Mas a ocorrência do elemento mascarado e cômico é uma prática até comum nas nossas danças e autos populares. Bandos de mascarados concorrem nos autos populares na companhia de personagens eclesiásticos, figurações de sacramentos, monólogos de sermão, levantamento de mastros etc. No Bumba-meu-boi, nos Maracatus, nas Folias de Reis, nos Congos, proliferam cazumbás, palhaços, caboclos de lança, personagens mascarados em espaços de transgressão consentida. Uma sorte de criatura inaudita elaborada pela ocasião da festa, no contexto ecológico onde se inscreve territorialmente, percorrendo territórios e sendo por eles percorrida. Meio sagrada, meio profana, como o que só faz sentido na ambiguidade, ela habita a exaustão de qualquer sentido pré-estruturado. Coexistem ao lado de outras personagens portadoras da ordem e da formalidade, como mestres e mestras, séquitos de reis e rainhas, e nada os impede de romper o protocolo de ladear o cortejo para desempenhar bailados de forma escrachadamente zombeteira. Truques com o corpo e transes evocatórios, os mascarados fazem o uso combinado das potências não simbólicas da voz com o sedução da ginga, para injetar maliciosamente um teatro de caos e movimento na mecânica anual do melodrama evangélico.

OBJETIVOS E CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

A disciplina é pensada em dois níveis: elaboração teórico-filosófica do conceito de *performativo* e teatro das oralituras (Leda Martins), o que permite explorar aspectos não simbólicos da voz e das máscaras – não como encarnação de efeitos narrativos ou mimesis de sentidos possíveis, mas como o que institui metamorfose e movimento nas afrografias das poéticas politeístas. Por meio desse procedimento chega-se ao conceito de *opacidade* (Édouard Glissant): o que o brincante inscreve nos termos do corpo da voz e do ritmo é algo cuja natureza é, não apenas impraticável em termos epistemológicos, mas também caracterizado pela fuga de

toda economia de visibilidade. Máscaras e “potências da voz como gesto” encenam formas como o sentido se esconde de si mesmo ao mesmo tempo em que produz algo no nível da ambiguidade, da indecisão, do imprevisível. Assim, já que uma investigação sobre o corpo, a confecção de máscaras, os ensaios com leituras dramatizadas, podem nos levar a lugares que a pesquisa bibliográfica sozinha não leva, o segundo nível desta disciplina é dedicado a trabalhos de campo e residência filosófica no Mocambo de Aruanda (que, na figura da Mestra Cristina, leciona Capoeira Angola no Gragoatá, em Niterói) e na Folia de Reis *A Brilhante Estrela de Belém*, sediada no morro da Formiga e conduzida pelo Mestre Xaxo. Também estão entre nossos convidados os pesquisadores Marcos Nascimento e Pedro Siqueira, cujas pesquisas pioneiras sobre máscaras e teatralização do movimento nas turmas de bate-bola, nos subúrbios cariocas, redefinirão a perspectiva de nosso escopo teórico sobre o que são os brinquedos, além de desafiarem o cientificismo metodológico convencionalizado pelo cânone. Tentaremos elaborar, com Abdias do Nascimento (1961), Evani Lima (2010) e Leda Martins (1995), a hipótese de que a aparição do Teatro do Negro, em pleno século XX, traz consigo o alargamento da concepção de “teatro” – que se distancia do palco convencional não pelas formas estéticas, temas e raças, mas porque invoca, como filosofia, a transformação do próprio conceito. Foi o que permitiu a Mário de Andrade (1982) repensar conceitualmente a *dança* como elemento constitutivo do movimento de brincantes mascarados – que, não correspondendo às ideias de “folclore”, “simples bailado” (ALMEIDA, 1942, p. 278), ou “folguedos caracterizados pela coreografia” (CASCUDO, 1998, p. 10), devem ser teorizados como arte cênica, teatro popular, teatro de rua.

INSTRUMENTOS DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

Ao fim do semestre, a entrega do protótipo de um artigo, ou a opção de um relatório de trabalho que narre o fio das atividades teóricas e práticas desempenhadas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE, Mário de. *Danças dramáticas do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2002.

- BISPO DOS SANTOS, A. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- FO, DARIO. *Manual mínimo do ator*. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: SENAC, 1999.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Trad. Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2018.
- DELEUZE; GUATTARI. *Mil Platôs vol. 3*. Trad. Aurélio Neto. São Paulo: Ed.34, 2012.
- _____. *Mil Platôs vol. 4*. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 2012.
- DERRIDA, J. *Spectros de Marx*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume, 1994.
- DÖRING, K. *Cantador de chula: o samba antigo do recôncavo baiano*. Salvador: Pinaúma, 2016.
- DORLIN, E. *Autodefesa – uma filosofia da violência*. Trad. Jamille Dias. São Paulo: Ubu, 2020.
- DRABINSKI, John. *Glissant and the Middle Passage: Philosophy, Beginning, Abyss*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2019.
- FANON, F. *Os condenados da terra*. Trad. José de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GALDINO, V. “fanon mbembe você eu”. In: Revista Rosa, N. 1, V. 3, São Paulo, 26/02/2021 (<https://revistarosa.com/3/fanon-mbembe-voce-eu>).
- _____. “Raça e partilha colonial do sensível na obra de Achille Mbembe”. GRIOT, v.23, 2023.
- GLISSANT, E. *Poética da relação*. Trad. Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.
- LIMA, E. T. *Um olhar sobre o teatro negro do Teatro Experimental do Negro e do Bando de Teatro Olodum*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UNICAMP, Campinas, 2010.
- MARTINS, L. *Performances do tempo espiralar*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1, 2018
- _____. *De la Postcolonie: Essai sur l’imagination politique dans l’Afrique contemporaine*. Paris: Éditions Karthala, 2000.
- _____. A. “The Power of the Archive and its Limits” In: HAMILTON et al (eds.). *Refiguring the Archive*. Berlin: Springer Science + Business Media, 2002.
- MARTINS, L. *Afrografias da memória*. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- _____. *A cena em sombras*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MEDEIROS, C. “O pequeno tirano quer ser embalado”. In: Alter Revista de Filosofia e Cultura, Vol. 18, N. 1, 2024.

_____. “Vultos na mata”. In: Paulo Roberto Pires. (Org.). Serrote 42 - Uma revista de ensaios, artes visuais, ideias e literatura. 42ed. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2022, v. 42.

MEDEIROS, C; GALDINO, V. *The greatest distance between two points is a straight line*. E-FLUX, <https://www.e-flux.com/>, 08 mar. 2024.

NASCIMENTO, M. “Bate-bolas: a fantasia como vingança, a máscara como expurgo”. Blog da Escola da Palavra. 1 de abril de 2024. (<https://www.escoladapalavra.art.br/post/bate-bolas-a-fantasia-como-vingan%C3%A7a-a-m%C3%A1scara-como-expurgo>).

NASCIMENTO, A. *Dramas para negros e prólogo para brancos*. Rio de Janeiro: Ed. Teatro Experimental do Negro, 1961.

RODRIGUES, Carla. *O luto entre clínica e política: Judith Butler para além do gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

RODRIGUES, G. *Bailarino-pesquisador-intérprete: processo de formação*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

SANTOS, T. C., & AMARAL, H. P. (2022). "Poética natural, poética forçada", de Édouard Glissant. *Revista Criação & Crítica*, V. 32.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, R. *História da Música Brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Comp., 1942.

ALVES, F. *O corpo em movimento na capoeira*. São Paulo, 2011 (Tese/EEFE-USP).

CASCUDO, C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

CHEKHOV, M. *Para o ator*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

LIMA, V. *Jazz e política da existência: a música de Félix Guattari*. São Paulo: Sobinfluência, 2024.

MBEMBE, A. *África insubmissa: Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial*. Trad. Narrativa Traçada. Luanda: Edições Pedagogo, 2013, p. 27.

_____. *Políticas da inimizade*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2020.

_____. *Sair da grande noite: Ensaio sobre a África descolonizada*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

SODRÉ, M. *O terreiro e a cidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

_____. *Pensar Nagô*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.